

SEXUALIDADE

PENSAMENTOS INQUIETOS DA ANÁLISE DA FOBIA DE UM GAROTO DE 5 ANOS

Michelle Ramos

De onde viemos

Pequeno Hans me incomodou. Não a criança Hans, mas o relato do caso. E depois de muito me debater sobre as razões desse embate com o texto, concluí duas coisas. Antes de ir a elas, quero esclarecer que não se trata de questionar nem as conclusões, nem a teoria que embasou o caso. Nutro um profundo respeito pela teoria da sexualidade, e espero que esse texto reflita isso.

A primeira das razões desse embate foi a sensação de que parte daquela situação ficou intocada: será que aquele pai também não rivalizava com a criança? Tive a impressão que havia ali uma disputa pelo amor (ou atenção) daquela mulher/mãe. Ficou em mim a curiosidade do quanto Hans desejava uma mulher e o quanto o pai poderia desejar aquela mulher, agora mãe... Nelson Rodrigues, com certeza já deve ter escrito sobre isso.

Mas uma história leva a outras e acabei rememorando um caso que ouvi. Lembrei-me do relato da pesquisa de como nascem os bebês, feito por uma mãe. Essa mulher, quando criança, pôs-se a pensar em como os bebês nascem. Em sua investigação, recebeu como resposta que havia uma sementinha na barriga das mães, que essa semente brotava e nascia uma criança. Isso virou um pequeno transtorno para ela, pois comer melancia tornou-se a travessia de um campo minado. Se fosse descuidada, ao desfrutar de uma simples sobremesa, poderia terminar uma refeição grávida de seis crianças. Um dia descobriu a verdade, entendeu-se ludibriada e passou a atribuir a sina ser uma neurótica muito desconfiada.

Uma história puxando outra, e mais outra, me remeto agora a uma conversa que tive com uma criança, e sua formulação de hipóteses sobre como nascemos. Essa criança levou muitos anos para ser diagnosticada como autista. Dias antes havíamos falado sobre os dilemas éticos da clonagem e sugeri a ela que pesquisasse sobre a história da ovelha Dolly. Ela ficou muito encantada com a técnica da troca do material genético e procurou-me novamente para trocar impressões. Mas ela me relata uma última dúvida:

– Olha – ela falou – eu entendi como ocorre a fecundação no laboratório. Mas na natureza, como que o espermatozoide encontra um óvulo?

– Você sabe a diferença entre um homem e uma mulher? – questionei.

– Sim. Está lá naquele lugarzinho.

– Então, o espermatozoide fica lá no lugarzinho dos meninos e o óvulo fica lá no lugarzinho das meninas.

Nesse momento, mostro um dedo em riste como o lugarzinho dos meninos, e faço um círculo com o polegar e indicador para mostrar o lugarzinho das meninas. E para exemplificar bem, penetro o círculo com o dedo. Nesse momento ela, enojada, pede que eu pare a explicação. Eu ri e respeitei o pedido, mas não sem antes perguntar como seria esse encontro na cabeça dela. Ao que a criança me respondeu com essa:

– Achei que era por bluetooth...

Rememorar essas diferenças de percepção me fez começar a entender o papel fundamental da sexualidade na história de cada um de nós. Somente após a leitura do Pequeno Hans que entendi a mensagem desse sexo sem contato relatado por essa criança.

Para onde vamos

É pelo corpo ou pela mente? Quando li os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade essa dúvida apareceu. E sim, Freud também falava da ambivalência ambulante que somos. Possivelmente é por ambas as vias que a sexualidade se expressa. Freud pensou no humano como um rio por onde tudo corre, contido por duas margens. Há quem diga que tais margens nunca se encontram, há quem creia que elas se afundam e se tocam formando o leito do rio. E nesse devaneio me lembrei de Grande Sertão: Veredas. Coloquei-me a reler esse clássico, buscando pistas. O primeiro indício encontro logo nas primeiras páginas: num diálogo entre os personagens revela-se que Diadorim não teve mãe e Riobaldo não teve pai. Como se atravessou esse Édipo? Como se fixou a escolha do objeto? Afinal, Riobaldo amou um homem ou uma mulher? Amou um corpo ou amou um ser? Amou o corpo feminino travestido de masculino? Qual o sexo da mente de Diadorim?

Continuo refletindo muito sobre essa escolha de objeto. Sigo me perguntando o que amamos naquilo que amamos. Em que lugar da equação entra o ser corpóreo? O problema é que o humano não pode ser resumido a uma fórmula do excel. Para cada um existe uma fórmula. Muitos resultados dessa equação são iguais. Algumas outras produzem resultados sui generis. E outras mais terminam numa aporia, como Riobaldo mesmo descreveu:

“Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A semvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação aos vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-

-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme por exemplo quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: Digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava?”

Qual um rio formado por suas margens, o ser humano possui o masculino e feminino em sua conformação. Quando olhamos um rio, não importa de qual margem estejamos olhando, conseguimos ver um rio. Assim como sempre veremos um ser humano, não importa se pela sua margem masculina ou feminina. O que nos distingue, ao final, é aquilo que encontramos no leito.



Michelle Ramos é membro do Instituto do Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.